

*Poema do Cid*, tradução de Maria do Socorro Almeida. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1988, 114 p. (Obras-primas através dos séculos).

Obra que inicia a literatura espanhola e a tradição épica dos povos ibéricos – de que Camões será o grande representante – o *Poema do Cid* interessa de perto ao leitor brasileiro, hoje bem consciente dos laços que o vinculam ao mundo hispânico. Interesse particular a que vêm somar-se outros, entre os quais o de conhecer, na perspectiva do *Poema*, figuras como a do herói, Rodrigo Díaz de Vivar. Posto no centro do conflito entre cristãos e mouros da Espanha medieval, o Cid aparece como guerreiro temível, sim, mas capaz de compaixão e até de amizade pelo adversário (note-se o afeto que o une ao chefe mouro Abengalbón), como também de indignação perante a baixez moral de fidalgos cristãos (haja vista o episódio da "Afronta de Corpes"). Lembre-se, mais ainda, a beleza dos versos singelos do *Cantar*, ouvidos com fascínio já pelos antepassados dos povoadores das Américas. Por isso tudo se compreende a atenção que lhe têm dedicado as editoras brasileiras. Depois de uma iniciativa de adaptação com vistas aos jovens (*El Cid Campeador*, S. Paulo, Edições Paulinas, 1988), vem agora a Francisco Alves dirigir-se principalmente aos ambientes universitários.

Esta edição chega, portanto, com propósitos louváveis, tanto mais se levarmos em conta as dificuldades presentes em texto poético medieval. Dificuldades, porém, atenuadas, pois a tradutora se valeu de versão moderna, em prosa, preparada por Alfonso Reyes e citada na bibliografia final. Esta bibliografia, contudo, merece reparos por deixar de lado quase toda a contribuição da crítica recente ao campo aberto por Menéndez Pidal. Mesmo tratando-se de elenco bibliográfico sumário, edição destinada ao público universitário não deveria esquecer críticos que, ainda nos últimos cinco anos, têm publicado obras fundamentais sobre o *Poema*. Entre eles, Jules Horrent, Alan Deyermond (que em 1987 oferece ao pesquisador universitário magnífico estudo de síntese), Colin Smith (autor de notável edição do texto e de importante estudo, publicado em castelhano em 1985), além dos espanhóis López-Estrada, Ubieto Arteta e María Eugenia Lacarra.

Da mesma ausência se ressentem o estudo introdutório, assinado pela tradutora. Dando como resolvidas questões polêmicas (como a data da redação do manuscrito), pondo em relevo posições de Menéndez Pidal hoje abandonadas (a da dupla autoria do *Poema*), insistindo em teses duvidosas, como a do caráter "heterodoxo" do *Poema* diante da *Chanson de Roland*, a introdução se arrisca a criar confusões e a restringir o panorama do leitor.

Quanto à tradução em si, é fiel à modernização de Alfonso Reyes, até mesmo no que esta se afasta do original. É o caso, por exemplo, da denominação dada aos homens do conde de Barcelona: são chamados "francos", no *Poema*; a

tradutora, com Reyes, os chama de "catalães". E se a versão de Reyes pode ajudar o leitor de língua espanhola a se aproximar do texto antigo, usar modernizações ao traduzir é expor-se não só a uma "retradução" discutível, mas privar o leitor brasileiro de qualquer vislumbre das características léxicas, sintáticas, métricas e, enfim, de toda a riqueza poética dessa obra clássica da literatura espanhola.

Muitas outras restrições se impõem, notadamente acerca do critério que leva a incluir notas onde bastaria, quando muito, a consulta ao dicionário, e a omiti-las quando poupariam ao leitor trabalhosas pesquisas sobre a situação histórica e social exposta pelo *Poema*. Assim, embora renovando o apreço pela iniciativa da editora e da tradutora, entendemos que o resultado no trabalho, sobretudo no plano de estudos universitários, não conseguiu corresponder a todos os propósitos que o inspiraram.

María de la Concepción Piñero Valverde